

Glória Sadala¹ Maria Helena Martinho²

Resumo

Este artigo aborda a noção de estrutura em psicanálise, enfatizando sua presença e importância nas formulações freudianas e lacanianas. Aponta a utilização do termo estrutura em alguns textos freudianos, demonstrando que esta noção já estava presente em sua obra. O retorno a Freud efetuado por Lacan é revisto a partir da relação de Lacan com alguns estruturalistas. O texto aponta o esforço de Lacan para reconduzir a experiência psicanalítica à fala e à linguagem, a partir dos ensinamentos estruturalistas e da sua subversão. São apresentadas duas rupturas que marcam o afastamento de Lacan do movimento estruturalista: o conceito de sujeito e o conceito de real. Evidencia-se que a noção de estrutura em Lacan é extraída do estruturalismo, mas ao mesmo tempo dele se dissocia porque a estrutura dos estruturalistas é coerente, completa, ao passo que a estrutura lacianiana é antinômica e descompletada, incluindo em seu campo uma impossibilidade: nem tudo será explicável. Marca-se uma distinção entre um estruturalismo baseado na completação e o ensino de Lacan que se assenta na incompletação.

Palavras-chave: Psicanálise; estrutura; sujeito; linguagem; real.

Abstract

This article discusses the concept of structure in psychoanalysis, emphasizing its presence and importance in freudian and lacanian formulations. Points to the use of the term structure in some freudian texts, demonstrating that this notion was already present in his work. The return to Freud made by Lacan is revised from Lacan's relationship with some structuralists. The text points to the Lacan efforts to bring the psychoanalytic experience to the speech and language, from the structuralist teachings and its subversion. The two breaks that mark the removal of Lacan's structuralist movement are presented: the concept of the subject and the concept of real. It is evident that the notion of structure in Lacan is extracted from structuralism, but at the same time it dissociates because the structure of the structuralists is consistent, complete, whereas the Lacanian structure is antinomian and descompletada, including an impossibility in their field: not everything is explainable. Mark a distinction between a structuralism based on completion and the teaching of Lacan who sits in incompletação.

Keywords: Psychoanalysis; structure; subject; language; real.

¹ Doutora e Mestre pela UFRJ. Coordenadora do Curso de Doutorado em Psicanálise, Saúde e Sociedade / UVA. Professora dos Cursos de Doutorado e Mestrado da UVA. Coordenadora do Curso de Especialização em Psicanálise da UVA. Supervisora Clínica do SPA/UVA. Professora e Supervisora Clínica do Curso de Especialização em Psicologia Clínica da PUC – Rio. Psicanalista membro do Colegiado de Formações Clínicas do Campo Laciano – Rio de Janeiro.

² Doutora e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicanálise do IP/UERJ. Professora dos Cursos de Doutorado e Mestrado da UVA. Professora e supervisora clínica do Curso de Especialização em Psicanálise da UVA. Coordenadora e Supervisora Clínica do SPA/UVA. Professora e Supervisora Clínica do Curso de Especialização em Psicologia Clínica da PUC – Rio. Psicanalista membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Laciano – Brasil. Psicanalista membro do Colegiado de Formações Clínicas do Campo Laciano – Rio de Janeiro.

Este artigo pretende abordar a noção de estrutura em psicanálise, considerando as construções freudianas e os desenvolvimentos teóricos de Lacan, para mostrar sua importância no campo psicanalítico. Logo de início, levantamos algumas questões: o que é estrutura? Por que este conceito é relevante para a psicanálise?

O termo estrutura origina-se do latim *structura* e sua etimologia aponta para a ideia de ordem e disposição das partes de um todo, envolvendo as noções de composição, contextura, sistema, construção, organização, considerando as relações recíprocas entre os elementos.

Segundo Roger Bastide, nos séculos XVII – XVIII, o termo latino começou por designar “o modo como um edifício é construído. Esse sentido se modifica e amplia-se por analogia aos seres vivos. Surge a ideia do corpo como construção em Fontenelle e a ideia da língua como construção em Balzac.

Durkheim (1895/1967), em *Les règles de la méthode sociologique*, consagrou o termo estrutura, mas uma postura estrutural só se apossou verdadeiramente do campo das ciências humanas num segundo tempo, a partir do século XIX, com Spencer, Morgan e Marx.

Sabemos que Saussure (1916/2006), em seu Curso de linguística geral, ministrado entre 1907 e 1911, empregou este termo, apresentando a aplicação do método estrutural à linguística. Jakobson, no I Congresso Internacional de Linguística, realizado em Haia, em 1928, difundiu amplamente o termo.

Como os estruturalistas definem estrutura? Segundo Pouillon (1976/1968), a análise interna de uma totalidade revela a estrutura, considerando seus elementos e suas relações. Prado Coelho compartilha da mesma tese de Pouillon, quando observa que uma estrutura implica em uma junção de elementos, melhor dizendo: a posição de cada elemento no conjunto e suas relações recíprocas. “As leis válidas para o conjunto o são também para cada um de

seus elementos isoladamente” (Prado Coelho, 1976, p. XXI).

Em “Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos” Prado Coelho analisa a noção central de estrutura baseando-se nas formulações de diversos estruturalistas e, a partir das definições encontradas, ele conclui que uma estrutura é:

Um conjunto de elementos com leis próprias independentes das leis que regem cada um desses elementos; a existência de tais leis relativas ao conjunto implica que a alteração de um dos elementos provoque a alteração de todos os outros; dado que o valor de cada elemento não depende apenas do que ele é por si mesmo, mas depende também, e sobretudo, da posição que ele ocupa em relação a todos os outros do conjunto” (Prado Coelho, 1967, XXI).

O estruturalismo pode ser entendido como um movimento de pensamento que implica numa nova forma de relação com o mundo e, se comparado com um método específico de um campo de pesquisa, apresenta-se mais amplo. O estruturalismo aplica-se em diferentes campos do saber: linguística, antropologia, sociologia, filosofia, história geral, história da arte, psicanálise, crítica literária, etc. Como a noção de estrutura se faz presente na psicanálise?

Na obra de Freud não se encontra com frequência o termo estrutura, no entanto esta ideia está implícita em suas formulações desde o início. Em seu texto “A psicoterapia da histeria”, Freud declara:

A histeria traumática monossintomática é por assim dizer um organismo elementar, um ser unicelular, por comparação com a complexa estrutura de uma neurose histérica relativamente grave [...] O material psíquico de uma histeria assim se apresenta co-

mouma estrutura em várias dimensões, que é estratificada em pelo menos três formas diferentes” (Freud, 1893-1895 / 2004, p. 293, grifo nosso).

Também encontramos em outro texto freudiano, intitulado “A propósito de um caso de neurose obsessiva”, o termo estrutura enunciado:

Ainda não consegui até agora, penetrar e elucidar por completo a complicadíssima estrutura de um caso grave de neurose obsessiva. Por outro lado, não me sentiria em condições de tornar clara para o leitor, pela exposição de uma psicanálise, através dos extratos superpostos que o tratamento percorre essa estrutura reconhecida ou presentida pela análise. São as resistências dos doentes e os modos como eles se exprimem que tornam essa tarefa tão penosa (Freud, 1909 / 2004, p. 124, grifo nosso).

Na Conferência XXXI, “A decomposição da personalidade psíquica”, Freud se refere à noção de estrutura através da metáfora do cristal:

Onde ela mostra uma brecha ou uma rachadura, ali pode normalmente estar presente uma articulação. Se atirmos ao chão um cristal, ele se parte, mas não em pedaços ao acaso. Ele se desfaz, segundo linhas de clivagem, em fragmentos cujos limites, embora fossem invisíveis, estavam predeterminados pela estrutura do cristal. Os doentes mentais são estruturas divididas e partidas do mesmo tipo” (Freud, 1933 [1932] / 2004, p. 54, grifo nosso).

As citações mencionadas acima evidenciam que os enunciados freudianos

permitem uma interpretação através do enfoque estrutural.

Constatamos que Lacan foi influenciado pela tríade estruturalista – Saussure, Jakobson e Lévi-Strauss – mas só passou a utilizar o termo estrutura quando oficializa o seu ensino em 1953. No entanto, não podemos deixar de registrar que em 1938, ao tratar dos complexos familiares, Lacan explicita que falar de complexo é falar de estrutura.

Há mais de meio século que o termo “estrutura” e a expressão “estruturas clínicas” são de uso comum entre os psicanalistas. Estes termos surgiram na teoria psicanalítica, posteriormente a Freud, datam do início do ensino de Lacan. Desde Freud, damos importância ao diagnóstico diferencial, que se baseia na noção de estrutura, servindo de orientação para a condução da análise. A partir de Lacan fala-se muito em “diagnóstico diferencial estrutural”. A partir desse diagnóstico encontra-se as referências das três estruturas clínicas – neurose, psicose, perversão – constituindo-se, sobretudo, como contribuição do ensino de Jacques Lacan.

Em “Observações sobre o relatório de Daniel Lagache” (1960), Lacan esclarece a respeito de sua noção de estrutura: “a máquina original que nela põe o sujeito em cena” (LACAN, 1960, p. 655).

Em “Pequeno discurso no ORTF” (Office de Radiodiffusion Télévision Française), levado ao ar em 1966, vemos como, para Lacan, estrutura quer dizer linguagem: “O inconsciente é o discurso do Outro. Ele é estruturado como uma linguagem – o que é um pleonasma exigido para eu me fazer entender, já que a linguagem é a estrutura” (idem, 1966, p. 228). Treze anos mais tarde, Lacan reafirma em Televisão (1974, p. 21), que “a estrutura é a linguagem”.

Lacan se empenha em formular uma ética que integre as conquistas freudianas sobre o desejo, “reconduzir a experiência psicanalítica à fala e à linguagem, como a seus fundamentos”, pois “se ela não se insere no inefável, descobre-se o deslizamen-

to que se operou, sempre em sentido único, afastando a interpretação de seu princípio” (LACAN, 1953, p. 290).

Lacan chama a atenção da comunidade psicanalítica da época para o fato de que ao se interessar pela elaboração do sonho, Freud explicita a sua estrutura de linguagem. Ele se pergunta:

Como teria Freud reparado nela, uma vez que essa estrutura, por Ferdinand Saussure, só depois foi articulada? Se ela recobre os seus próprios termos, só faz ser mais espantoso que Freud a tenha antecipado. Mas, onde foi que ele a descobriu? Num fluxo significante cujo mistério consiste em que o sujeito não sabe sequer fingir que é seu organizador (Lacan, 1958, p. 629).

Graças às relações mantidas com Jakobson, Claude Lévi-Strauss e Maurice Merleau-Ponty, Lacan descobriu Saussure e suas indicações sobre o estruturalismo. No conhecido relatório do Congresso de Roma realizado em 1953, Lacan efetuou um retorno a Freud, propondo a retomada da noção de estrutura no âmbito da psicanálise ao apresentar sua tese: “o inconsciente estruturado como uma linguagem”. Este estatuto do inconsciente é herdeiro da linguística, tal como nos aponta Lacan.

Hoje em dia, vindo às ciências conjecturais resgatar a noção da ciência de sempre, elas nos obrigam a rever a classificação das ciências que herdamos do século XIX, num sentido que os espíritos mais lúcidos denotam claramente. Basta acompanharmos a evolução concreta das disciplinas para nos apercebermos disso. A linguística pode servir-nos de guia neste ponto, já que é esse o papel que ela desempenha na vanguarda da antropologia contemporânea, e não poderíamos ficar-lhe indiferentes (Lacan, 1953 / 1998, p. 286).

Em 1953, Lacan se utiliza do Curso de linguística Geral, o qual lhe fornece um novo vocabulário que lhe permite apresentar noções e conceitos da psicanálise através de outros termos, sempre supondo que “é toda a estrutura da linguagem que a experiência analítica descobre no inconsciente” (Lacan, 1957 / 1998, p. 498). Assim publica, em 1966, “A instância da letra no inconsciente ou razão desde Freud”, submetendo o algoritmo saussuriano a significativas modificações. Além disso, retoma as duas figuras de linguagem utilizadas por Jakobson – metonímia e metáfora – para se referir aos mecanismos de funcionamento do inconsciente, anteriormente nomeados por Freud, de deslocamento e condensação.

Lacan se afasta do movimento estruturalista a partir de duas rupturas: a concepção do sujeito e a concepção do real. A primeira afasta incondicionalmente Lacan dos estruturalistas. Enquanto para estes a estrutura é incompatível com o sujeito, para Lacan, a psicanálise não poderia prescindir dele.

Para Lacan o sujeito é afetado pela estrutura que obedece à lógica dos significantes. Sendo assim, sujeito e estrutura são considerados categorias coextensivas. Lacan afirma:

O corte da cadeia significante é único para verificar a estrutura do sujeito como descontinuidade no real. Se a linguística nos promove o significante, ao ver nele o determinante do significado, a análise revela a verdade dessa relação, ao fazer dos furos do sentido os determinantes de seu discurso (Lacan, 1960/1998, p. 815).

O pensamento de Lacan a esse respeito da incidência do sujeito na estrutura encontra-se bem evidenciado no texto “Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960). A tese do inconsciente estruturado como uma linguagem nos coloca diante da pergunta

sobre que sujeito conceber? O sujeito surge nos intervalos da cadeia significante, ou seja, no intervalo entre os significantes. E sobre o significante, diz Lacan:

Nossa definição de significante (não existe outra) é: um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante. Esse significante, portanto, será aquele para o qual todos os outros significantes representam o sujeito: ou seja, na falta desse significante, todos os demais não representariam nada. Já que nada é representado senão para algo. Ora, estando a bateria dos significantes, tal como é, por isso mesmo completa, esse significante só pode ser um traço que se traça por seu círculo, sem poder ser incluído nele. Simbolizável pela inerência de um (-1) no conjunto dos significantes (Lacan, 1960/1998, p. 833).

Verifica-se assim, que este sujeito é efeito da cadeia significante e nada tem em comum com a consciência. O que marca a inscrição do sujeito na estrutura culmina em Lacan no matema $S(A)$. A maneira que Lacan escreve esse matema, $S(A)$, quer dizer, significante da falta no Outro e constitui, então, uma reelaboração da hipótese estruturalista, porque tenta com isso escrever ao mesmo tempo, a linguagem e a fala, quer dizer, não somente a organização sincrônica dos significantes, mas também sua sucessão diacrônica em uma estrutura de remissão. Em “Função e campo da fala e da linguagem”, Lacan enfatiza a importância da fala para a psicanálise, mostrando que é através dela que a história do sujeito se presentifica. O novo método criado por Freud – a psicanálise – fundamenta-se na fala do sujeito, na medida em que o sujeito está situado na estrutura da palavra. Portanto, pode-se verificar que um primeiro ponto de divergência radical entre o estruturalismo e a psicanálise é a exclusão do sujeito.

O que considerar como outra divergência entre a psicanálise e o estruturalismo?

Trata-se do lugar que Lacan dá ao “registro do real”. Nomeia-se como real o que não pode ser simbolizado, explicado, articulado, dizível e que, portanto, não faz parte do conceito linguístico de estrutura. Lembramos que para os estruturalistas o conceito de estrutura está ligado à idéia de totalidade. Para a psicanálise o conceito de real faz furo nessa concepção estruturalista, uma vez que se inscreve na estrutura sob a forma de um buraco, um furo, ou seja, se inscreve como falta de um significante no simbólico.

Vimos que, por um lado, Lacan participa do movimento estruturalista, uma vez que a sua noção de estrutura é dele extraída, mas ao mesmo tempo se dissocia porque a estrutura dos estruturalistas é coerente, completa, ao passo que a estrutura lacaniana é antinômica e descompletada, incluindo em seu campo uma impossibilidade: nem tudo será explicável.

Pode-se, portanto, assinalar a distinção entre um estruturalismo baseado na completação e o ensino de Lacan que se assenta na incompletação, segundo as expressões utilizadas por Dosse (1992/2007, p. 175). É possível também, não obstante, observar que no enfoque estruturalista o sujeito está reduzido à insignificância, ele é abortado e, no enfoque lacaniano, ao contrário, o sujeito é valorizado.

Nos últimos momentos do ensino de Lacan, a própria categoria de estrutura será reinterrogada no meio analítico, a ponto de se indagar se as estruturas clínicas ainda ocupam um lugar de destaque na psicanálise lacaniana. Por essa razão, tomamos aqui o ensino de Lacan dos anos 1970, mais especificamente, O Seminário, livro 23: o *sinthoma* (Lacan, 1975-1976/2007), na intenção de interrogar: a teoria lacaniana sobre o *sinthoma* descarta o diagnóstico diferencial estrutural, imprimindo uma modificação na direção do tratamento analítico?

Antes, porém, de tratar dessa questão, convém lembrar que o ensino de Lacan pode ser lido segundo três períodos que se diferenciam da seguinte maneira: o primeiro, chamado o campo da linguagem, corresponde ao seu ensino nos anos 1950, identifica-se à primazia dada à linguagem e à fala. O segundo, corresponde aos anos 1960, encontra-se a invenção de Lacan do objeto a. O terceiro, chamado o campo do gozo, batizado por Lacan de campo lacaniano, corresponde aos anos 1970 (Miller, 1996, p. 102). A dimensão do real estava presente em seu ensino desde 1953, mas seu avanço teórico se deu somente a partir de 1971, com a escrita do nó borromeano. Nos anos 1950-1960, Lacan afirmava a primazia do simbólico, enquanto que nos anos 1970, ele afirma a equivalência entre as três dimensões: real, simbólico e imaginário, fazendo do nó borromeano alguma coisa que é preciso manipular, na tentativa de “tocar o real”.

É importante chamar atenção para o fato de que assim como a segunda tópica freudiana não exclui a primeira, o campo do gozo não exclui o campo da linguagem. Contudo, efetua-se no ensino de Lacan um deslocamento teórico-clínico que precisa ser verificado, na medida em que toca diretamente na problemática da estrutura.

No final de seu ensino, Lacan acentua uma diferença entre os termos sintoma e sinthoma. O primeiro, definido como metáfora, concebido como efeito de estrutura que vem suprir a metáfora do pai, responde à questão do inconsciente estruturado como uma linguagem. O sintoma é uma mensagem cifrada, lida em termos de traços que se deixa traduzir, interpretar. O segundo, o sinthoma com “th”, sustentado na letra, na escrita do nó borromeano, surge com outra envoltura formal e faz mostraçãõ do real, ultrapassa os limites do significante e enuncia a ex-sistência, o não cessa de não se escrever, o real da estrutura; ele é da ordem da invenção, cuja função é segundo Lacan, ilustrada por Joyce através de sua arte de escrever. Enquanto o sintoma no campo da linguagem é uma metáfora que

contém uma mensagem vinda do Outro, da outra cena, do inconsciente, o sinthoma no campo do gozo é definido por Lacan como a letter a litter – letra-resto-lixo –, aquilo que não diz nada para ninguém, não é uma mensagem cifrada a qual pode ser dissolvida graças à interpretação; o sinthoma é uma cifra de gozo que escreve o irreduzível da estrutura. Em quaisquer das articulações, seja no recurso à gramática ou à topologia, o sintoma traça um caminho na teorização e práxis lacaniana que reconhece um além, enquanto marca de um gozo não assimilável.

REFERÊNCIAS

- Barthes, R. (1976). A atividade estruturalista. In. *Estruturalismo antologia de textos teóricos*, Portugal: Editora Martins Fontes.
- Dosse, F. (1992/2007). *História do Estruturalismo*. São Paulo: Edusc.
- Durkheim, E. (1967). *Les règles de la méthode sociologique*. Paris: Le presses universitaires de France, 16 ed. (Original de 1895).
- Freud, S. (/2004). Sobre la psicoterapia de la histeria. In. *Obras Completas. Volume 2*. Buenos Aires: Amorrortu. (Original de 1893-1895).
- _____. (2005). Las neuropsicoses de defesa. Em *Obras Completas. Volume. 3*. Buenos Aires: Amorrortu. (Original de 1894).
- _____. (2005). La interpretación de los sueños. In. *Obras Completas. Volume 4*. Buenos Aires: Amorrortu. (Original de 1900 [1899]).
- _____. (2004). Psicopatología de La vida cotidiana. In. *Obras completas. Volume 6*. Buenos Aires: Amorrortu. (Original de 1901).
- _____. (2005). A propósito de un caso de neurosis obsesiva. In. *Obras Completas. (Volume 10)*. Buenos Aires: Amorrortu. (Original de 1909).

- _____. (2004). La descomposición de la personalidad psíquica. In. Obras Completas. (Volume 22). Buenos Aires: Amorrortu. (Original de 1933 [1932]).
- Lacan, J. (2002) Os complexos familiares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original de 1938)
- _____. (1998) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original de 1953)
- _____. (1953/2003) Discurso de Roma. In. Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original de 1953)
- _____. (1955-1956/1998) De uma questão preliminar a a todo tratamento possível da psicose. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original de 1955-1956)
- _____. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In. _____. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original de 1957)
- _____. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In. _____. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original de 1958)
- _____. (1998). À memória de Ernest Jones: Sobre sua teoria do simbolismo. In. _____. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar. (Original de 1959)
- _____. (1998). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura da personalidade". In. _____. Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original de 1960)
- _____. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In. _____. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar. (Original de 1966)
- _____. (2003) Pequeno discurso no ORTF, In. _____. Outros Escritos, Rio de Janeiro: Zahar. (Original de 1966)
- _____. (1985) O Seminário Livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original de 1972-1973)
- _____. (1993) Televisão. Rio de Janeiro: Zahar. (Original de 1973)
- _____. (1988) Conferência de Genebra sobre o sintoma. In. _____. Intervenções e textos. Buenos Aires: Manantial. (Original de 1975)
- _____. (2007). O Seminário Livro 23: O Sinthoma. Rio de Janeiro: Zahar. (Original de 1975-1976)
- Martinho, M. H. (2012). A noção de estrutura em psicanálise. In. ELIA, L. e MANSO, R. (org.). (2012). Estrutura e Psicanálise. Rio de Janeiro: Cia. de Freud: PGPSA/IP/ UERJ.
- Miller, J.-A. (1996). Matemas I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1998). Matemas II. Buenos Aires: Manantial.
- Pouillon, J. (1976) Uma tentativa de definição. In. Prado Coelho, E. (org.) (1976). Estruturalismo antologia de textos teóricos. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- Prado Coelho, E. (org.) (1976) Estruturalismo antologia de textos teóricos. São Paulo : Editora Martins Fontes.
- _____. (1976) Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos. In. Prado Coelho, E. (org.) (1976). Estruturalismo antologia de textos teóricos. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- Sadala, G. E Martinho, M. H. (2011). A estrutura em psicanálise: uma enunciação desde Freud. Ágora: estudos em teoria psicanalítica. Volume. I, n. 1 (1998) - Rio de Janeiro: Pós-Graduação e teoria Psicanalítica IP/UFRJ, vol. IV, n. 2. Rio de Janeiro, julho/dezembro.
- Saussure, F. (2006). Curso de lingüística geral. São Paulo: Cultrix. (Original de 1916)